



Caro amigo Ingo Hoffmann...

É um privilégio escrever para você. Ainda bem que o Tiago Mendonça foi escalado pelo destino para cumprir a grata missão de produzir o livro de sua vida, revelando aos mais apaixonados as memórias de um dos principais protagonistas da história do automobilismo brasileiro.

A sua participação nesta história foi muito importante. Cada vez que seu nome é mencionado é imediata a lembrança do colecionador de vitórias, que soube administrar como ninguém a sorte indispensável ao grande campeão.

Pendurei o capacete em 1973 e, até ali, compartilhamos muitas competições. A tecnologia e a eletrônica ainda não tinham invadido o cockpit dos carros. Que saudade daquela época! Sem o cinto de segurança corríamos riscos absurdos, mas desfrutávamos da delícia das tradicionais largadas tipo Le Mans. Nossos carros tinham o volante limpo, sem os botões com centenas de funções.

A indispensável alavanca de câmbio estava lá. Escorregando o pé no acelerador com o calcanhar

fazíamos o punta-tacco, e o freio-motor funcionava. Com pneus mais estreitos, os carros deslizavam na pista, dosando a potência do motor no acelerador. Desafiávamos os limites para vencer cada curva.

Arriscando até o último fio de cabelo descobríamos novos limites que nos davam vantagem por algum tempo diante dos adversários. O mundo mudou e a realidade é esta que está aí. Como se diz, "todos os gatos ficaram pardos", e a facilidade nivelou as competições por baixo.

Foi memorável o dia em que Wilson Fittipaldi narrou pela Rádio Pan-Americana a vitória do Chico Landi no GP de Bari de 1948, na Itália, pilotando uma Ferrari da fábrica. Oito anos mais tarde, ele faria as primeiras Mil Milhas Brasileiras, patrocinadas pela indústria de autopeças, que possibilitou o início das fábricas no Brasil.

O sucesso das Mil Milhas foi tão grande que se tornaram a vitrine para a indústria de autopeças e automóveis. Fittipaldi, auxiliado por Eloy Gogliano, promovia, organizava e divulgava o evento. Ele ensinou aos brasileiros que corrida de automóvel era um negócio interessante para quem patrocinava, o que viabilizou a formação de grandes equipes, especialmente as oficiais de fábrica.

A nossa participação na história foi importante. Rodeados por pilotos daquela geração, guiamos os melhores carros e, aproveitando as oportunidades, fizemos parte da trajetória do automobilismo tupiniquim, que a partir de Emerson Fittipaldi consagrou nossos pilotos lá fora.

Sempre me emociono quando contemplo a sua carreira. Com seu físico e sua mente tão bem cuidados, você manteve a capacidade de grande piloto. O guerreiro do punta-tacco se atualizou e absorveu a evolução da tecnologia, disputando em plena performance com estes jovens pilotos atuais, superdotados física e mentalmente, pilotando e operando equipamentos sofisticadíssimos que são os carros de corrida modernos.

Tendo participado com destaque nesse palco onde se aprende a ganhar e perder, diante do difícil relacionamento pressionado por muita rivalidade, egoísmo e vaidades pessoais, você sobreviveu a tudo, eternizando o respeito, a amizade e a consideração dos seus companheiros. A Fundação Ingo Hoffmann simboliza o seu agradecimento a Deus pelo sucesso e valia de sua vida.

Seu amigo de sempre.



ETERNIZADO
A biografia de Ingo, escrita por Tiago Mendonça, e nos tempos em que ele corria na equipe Copersucar de Fórmula 1

